

# Guilherme de Almeida – Os mostradores

Nas ruas da Cidade, os brancos mostradores  
Dos relógios parecem olhos cismadores:  
Olhos sem vida, olhos de morto, olhos vidrados,  
Rasgados no perfil das torres pensativas,

Na desanimação das longas perspectivas  
Na carranca senil das fachadas, rasgados  
E na fisionomia extática das praças.  
Pupilas que não veem, grandes pupilas baças  
Que vivem a chorar, amarga, aborrecida  
E interminavelmente, as lágrimas das horas,  
As lágrimas de bronze, as lágrimas sonoras  
que rolam pela rua e pela nossa vida...

Os mostradores são eternas sentinelas  
E os seus ponteiros são eternas baionetas.  
“Quem vem lá? Quem vem lá?” – e as grandes pontas pretas

Avançam sempre...

Os mostradores são janelas  
Em que o Tempo debruça o busto milenário  
Para ver desfilar a procissão humana:  
Velho monge de longa barba soberana,  
Ele põe-se a virar as folhas do Breviário  
Das horas que se vão, das horas que envelhecem,  
E a soluçar sozinho os seus Kyrie Eleisons...

De noite, os mostradores vão-se iluminando  
E, redondos e brancos, no alto, eles parecem  
Luas artificiais que vivem derramando  
Pela Cidade morta o seu luar de sons...

## Guilherme de Almeida, Melhores poemas